



## O Perfil do Estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília<sup>1</sup>

Karoline MARQUES<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### RESUMO

Como forma de entender os novos rumos da formação em Jornalismo, que tem passado por grandes mudanças, aplicou-se um questionário aos alunos de Jornalismo da Universidade de Brasília - UnB, com o objetivo de traçar e analisar o novo perfil do estudante do curso em questão. O presente artigo apropria-se de parte desse questionário e apresenta o perfil socioeconômico desse estudante, analisando aspectos que influenciam diretamente na escolha e desempenho de sua profissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** estudante; formação; jornalismo; perfil.

### TEXTO DO TRABALHO

#### Introdução

As mudanças ocorridas nas últimas décadas interferiram diretamente na forma como a informação é gerada e absorvida pela sociedade. Intimamente ligado a esse processo está o Jornalismo, cujas transformações implicam em mudanças nas modalidades de formação e acesso à profissão. Campos e Rocha salientam:

Nesse cenário globalizado é que se insere o mercado brasileiro de comunicação, representado por veículos modernos, bem-estruturados, com alcance nacional e cobertura internacional. É nesse universo que o jovem recém-formado em Jornalismo vai exercer a sua profissão, sabendo que o crescimento da tecnologia da informação resulta, naturalmente, em sociedades mais bem-informadas, mais esclarecidas, com melhores parâmetros de comparação, portanto, mais exigentes no que se refere à qualidade, à ética, à boa apuração da notícia, à capacidade de interpretação e de explicação do fato, à agilidade na veiculação, à clareza na informação (CAMPOS; ROCHA, 2011, p. 16).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Organizacional da UnB, e-mail: [karolinemarrispe@gmail.com](mailto:karolinemarrispe@gmail.com)



Questões como a predominância de mulheres nos cursos de Comunicação Social, a dicotomia entre redação e assessoria de imprensa como espaços de trabalho para os futuros jornalistas, as posições políticas desses profissionais e as motivações para a escolha do Jornalismo, figuram entre os temas relevantes para se entender a atual configuração da profissão. Thais Jorge e Zélia Adghirni, em 'Prática profissional, convergência e perfil do jornalista' complementam:

Sem dúvida, entre as mudanças no Jornalismo, a que melhor pode ser vislumbrada, a olho nu – e também a mais recente entre as transformações que estão atingindo a profissão – é a chamada convergência das redações. Integrar as estruturas de produção de suportes como a TV, o on-line e o jornal impresso, até há pouco mental e fisicamente distanciados, significa mexer nos horários, rotinas, funções, dimensões, cultura e filosofia de todo um contingente de profissionais que, em muitos casos, sequer se falava (JORGE; ADGHIRNI, 2011, p.145).

O futuro jornalista deve saber produzir conteúdo para diferentes suportes. Nesse sentido, o estudante deve, desde cedo, assumir a postura de um profissional multimeios, capaz de se adaptar às diversas tecnologias existentes e, conseqüentemente, a jornadas de trabalho cada vez mais longas.

Além disso, há outros aspectos que influem na profissão. A declaração de inconstitucionalidade do decreto-lei 972 de 1969, que instituiu o fim da obrigatoriedade do diploma para o Jornalismo, traz um novo contexto para a carreira. O surgimento de novos campos de trabalho, principalmente na plataforma Web, transforma e redefine, juntamente com as novas tecnologias, as funções desempenhadas pelo jornalista.

Este *paper*<sup>3</sup> pretende delinear o perfil socioeconômico e profissional dos estudantes de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, levando em consideração essas e outras variáveis, como a frequência com que os alunos acompanham os veículos noticiosos, a idade em que optaram pelo presente curso e as expectativas em relação à profissão. O estudo baseia-se na análise de algumas respostas presentes em um questionário aplicado aos alunos de Jornalismo da UnB.

Em um primeiro momento, será apresentada uma revisão das principais pesquisas acerca do perfil socioeconômico do aluno de Jornalismo. Posteriormente, serão apresentados os resultados do questionário, seguidos da análise sobre o perfil do estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília.

---

<sup>3</sup> Trabalho orientado por Fábio Pereira, professor do Curso de Comunicação Organizacional da UnB, email: [fabiop@gmail.com](mailto:fabiop@gmail.com)



## 1. Revisão de Estudos

Nesta seção será apresentada uma revisão dos principais estudos sobre o perfil do estudante de Jornalismo com objetivo de definir as condições que permitam situar o discente na UnB em relação aos alunos de Jornalismo de outras instituições de ensino superior no Brasil.

No artigo 'Perfil e hábitos comunicacionais do estudante de Jornalismo da cidade de Salvador – Bahia' os autores entrevistaram estudantes do curso de Jornalismo de diversas faculdades da Bahia (SCHWINGEL; MELO; FIGUEIREDO, 2005)<sup>4</sup>. A pesquisa constatou que 66% são mulheres, de 21 a 27 anos, que escolheram o curso por interesse pessoal (44%). Dos estudantes, 52% buscam a realização pessoal, no que se refere à profissão. Em relação ao mercado de trabalho, 42% dos entrevistados buscam o crescimento profissional, sendo a TV a área de atuação preferida. Quanto à frequência de contato com os diversos meios de comunicação, 41% dos estudantes leem jornais impressos diariamente, sendo que esse número cai para 20% quando se fala em revistas. 68% acessam a internet todos os dias, 64% escutam rádio diariamente e 81% assistem TV diariamente.

Em relação ao gênero dos estudantes, um fator de grande destaque é a grande proporção de mulheres nos cursos de graduação. De acordo com o Anuário Estatístico 2011, da Universidade de Brasília (2011, p. 95), do total de 29.775 estudantes de graduação, 15.400 (51,72%) são mulheres, sendo predominante a faixa etária de 19 a 24 anos. Na habilitação de Jornalismo tem-se 447 alunas e 308 alunos, regularmente matriculados no 2º semestre de 2010 (Universidade de Brasília, 2011, p.98). Comparando-se o curso de Comunicação Social com o de Ciência da Computação diurno, por exemplo, que no mesmo período apresenta 37 alunas e 301 alunos, percebe-se a distinção, em questão de gênero, que ainda acontece entre os cursos de humanas e exatas.

Apesar da predominância do sexo feminino nos cursos de Comunicação Social, o mesmo não ocorre no mercado de trabalho. Segundo o Relatório Anual de

---

<sup>4</sup> Foram aplicados 400 questionários, chegando-se a uma amostragem de 20% do universo. Participaram da Pesquisa de Opinião alunos de diversos semestres (1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 7º) das seguintes faculdades: Centro Universitário da Bahia - FIB; Faculdade Social da Bahia (FSBA); Faculdade 2 de Julho (F2J); Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC); UNIBAHIA; Faculdades Jorge Amado (FJA); Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/UFBA) e Faculdade da Cidade de Salvador.



Informações Sociais – RAIS – de 2010, o total de mulheres exercendo atividades em campos do Jornalismo no referido ano foi de 34.206, enquanto o número de homens no mesmo setor foi de 55.046.

Em relação ao histórico acadêmico dos estudantes de Jornalismo, a pesquisa 'Perfil Socioeconômico: Acadêmico de Comunicação Social da Ufam' (LUÍNDIA, et. al., 2009)<sup>5</sup> analisa a elitização do curso de Comunicação Social no período de 2003 a 2007. Os resultados mostraram que em 2003, 46% dos ingressantes eram provenientes de escolas particulares; em 2004, o percentual subiu para 63%; no ano de 2005 foram 65% de universitários que estudaram em instituições particulares; um ano mais tarde o número baixou, mas ainda foi superior à metade, ficando em 58%; já entre os calouros de 2007, 79% cursaram Ensino Médio particular. Situação semelhante poderá vir a ser comprovada em relação ao curso de Jornalismo da Universidade de Brasília, que apresenta considerável concorrência no vestibular, de modo que estudantes de classes econômicas mais altas têm mais possibilidades de garantir uma vaga por possuírem melhores condições de estudo.

Além disso, faz-se relevante salientar alguns dados sobre o profissional de Jornalismo formado e o contexto em que se insere o aluno participante da pesquisa. Francisco Sant'Anna (2006), em seu artigo 'Quem faz a notícia no parlamento brasileiro?', traça um perfil dos jornalistas que trabalham no Senado Federal. É interessante citar os dados apontados por Sant'Anna, visto que os jornalistas observados pelo autor fazem parte do mesmo contexto político e cultural dos estudantes tratados nesse artigo. Como destacam Fröhlich e Holtz-Bacha (2003 apud MELLADO et. al., 2012, p. 5) “as influências mais poderosas para a educação em Jornalismo são os fatores associados à esfera ou sistema social, inclusive o contexto histórico e cultural de um país, a estrutura midiática e as variáveis normativas e econômicas associadas a ela”.

Dos jornalistas entrevistados por Sant'Anna, 39% se classificam como de esquerda e 41% de centro-esquerda. Já o artigo 'A cabeça do jornalista: opiniões e valores políticos dos jornalistas no Brasil' (MARCELINO et al., 2009)<sup>6</sup> reforça essa

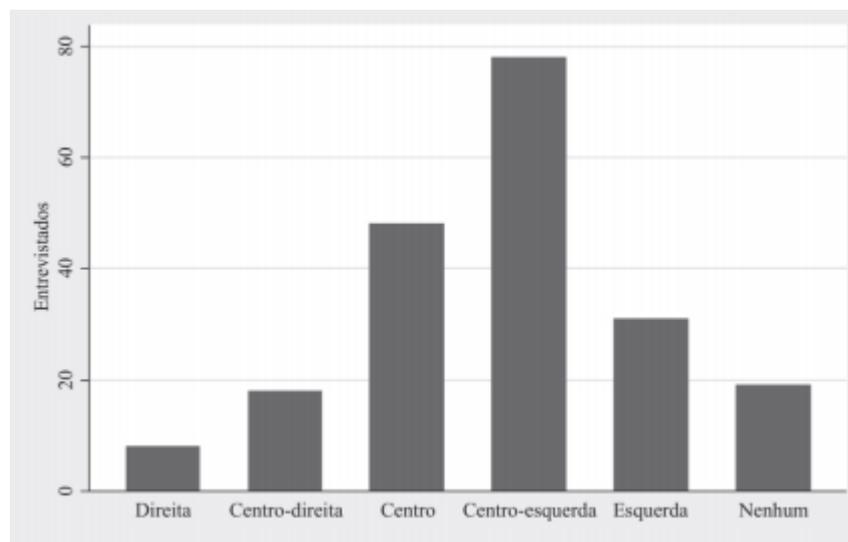
---

<sup>5</sup> Selecionou-se o universo de pesquisa correspondendo a 153 estudantes de Comunicação Social, sendo 74 de Relações Públicas e 79 de Jornalismo. Obteve-se uma amostra de 132 acadêmicos e foram aplicados 132 questionários socioeconômicos aos universitários do 1º ao 9º período dos cursos de Relações Públicas e Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social da Ufam. Distribuiu-se anualmente essa amostragem: de 2003, foram entrevistados 24 estudantes; de 2004, 27 pessoas; de 2005, 20 acadêmicos; de 2006, 33; de 2007, no último ano de amostragem, foram 28.

<sup>6</sup> A pesquisa foi realizada com 212 jornalistas, ocupados em 70 empresas distribuídas por 42 municípios de 23 unidades da Federação (22 Estados e o Distrito Federal). Quanto ao gênero dos entrevistados, a amostra encontra-se dividida: 50,9% são homens e 49,1%, mulheres.

percepção de que os jornalistas se situam à esquerda no espectro político: 52% dos entrevistados se definem como pessoas de esquerda ou centro-esquerda (vide gráfico 01).

**Gráfico 01** – Posicionamento no espectro ideológico



‘A cabeça do jornalista: opiniões e valores políticos dos jornalistas no Brasil’

(MARCELINO et al, 2009, p. 34).

Aluizio Alves Filho, em 'A ideologia como ferramenta de trabalho e o discurso da mídia', destaca que:

A exemplo do que ocorre em outros setores profissionais, na imprensa, empresários e jornalistas partilham um sistema ideológico peculiar, ou seja, um código de ética, princípios definidores de competência profissional e do bem comum, etc. Sistema ideológico peculiar, com regras próprias e, portanto, relativamente autônomas, mas concretamente fundado por dentro das formas de consciência social” que informam e organizam a ideologia” dos setores profissionais, camadas e classes sociais, na totalidade social (ALVES FILHO, 2000, p. 108).

Dessa forma, o sistema ideológico peculiar do jornalista, incluindo sua posição política, em relação ao Estado, pode se traduzir em forma de fiscalização, cobrança e crítica, objetivando a mobilização governamental frente aos problemas encarados pela população.

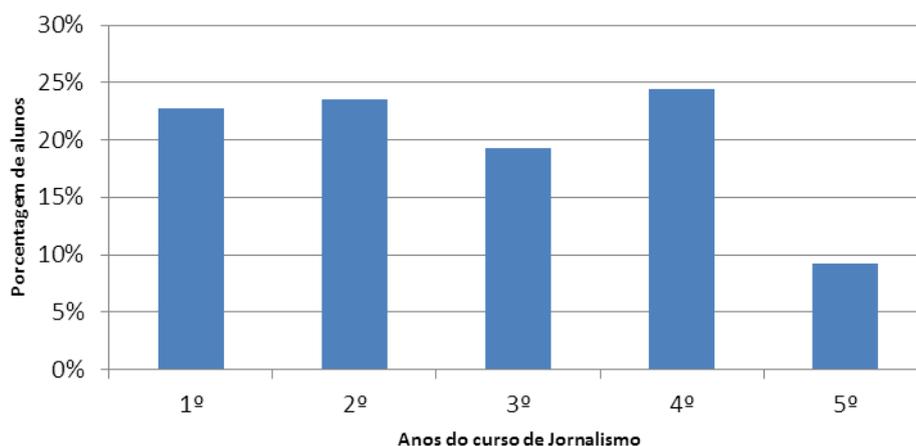


Os estudos aqui citados, bem como possíveis comparações entre os dados mencionados, servirão de base para a definição do perfil do estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília.

## 2. Procedimentos Metodológicos

Para realizar esta investigação, foi aplicado, em dezembro de 2011, um questionário de 36 perguntas a estudantes de Jornalismo da UnB. A amostra foi de 119 respondentes para um universo de 304 discentes regularmente matriculados (Taxa de respostas = 39,1%). Do total de respondentes, 66% eram mulheres e 34% homens, distribuídos entre os quatro anos do curso de Jornalismo<sup>7</sup> (vide gráfico 02).

**Gráfico 02** – Distribuição dos respondentes de acordo com o ano em que se encontram no curso de Jornalismo\*.



**Fonte:** Elaboração própria.

\* Os alunos que responderam 5ª ano se encontram atrasados no curso.

O instrumento foi aplicado em sala de aula por estudantes participantes da pesquisa<sup>8</sup>. Cada informante preencheu individualmente o questionário e, em média, o tempo de resposta foi de 20 minutos.

<sup>7</sup> "A habilitação Jornalismo tem 186 créditos, sendo 52 obrigatórios ambientais, 78 obrigatórios específicos e 56 optativos e de módulo livre",c.f. <[http://www.fac.unb.br/site/index.php?option=com\\_content&view=section&id=7&Itemid=71](http://www.fac.unb.br/site/index.php?option=com_content&view=section&id=7&Itemid=71)>. Acesso em 07/08/2012.

<sup>8</sup> Aplicaram o questionário: Amanda Bittar, Livea Chefer, Nayane Oliveira, Paula Bittar, Patrícia Travassos e Raphael Sandes.



### 3. Resultados

A primeira questão referente ao perfil pergunta ao entrevistado se ele já realizou alguma atividade profissional. 40,2% dos estudantes responderam que sim, restando 59,8% que não fizeram nenhum tipo de atividade profissional. O questionário foi respondido predominantemente por estudantes do primeiro ano (22,7%), do segundo ano (23,5%) e do quarto ano (24,4%).

É questionado também sobre a idade que os estudantes tinham quando optaram pelo curso de Jornalismo. A idade média encontrada é de 16 anos, ou seja, a maioria dos respondentes estava na metade do Ensino Médio quando optou pelo curso, período de decisões sobre o futuro profissional, principalmente por conta do Programa de Avaliação seriada da UnB (PAS) e do vestibular.

A questão seguinte pergunta sobre a razão que motivou o estudante de Jornalismo a escolher o curso. Nessa pergunta são disponibilizadas várias razões que podem ter influenciado o universitário: 1. Não pude completar meus estudos em outra área; 2. Não pude ingressar na área que queria; 3. É fácil se formar em Jornalismo; 4. Tenho talento e/ou gosto de escrever; 5. Gosto de Jornalismo como profissão; 6. Pela possibilidade de mudar a sociedade; 7. Pelo dinheiro que posso ganhar como jornalista; 8. Pela possibilidade de cobrir escândalos e abusos; 9. Pela possibilidade de ser famoso; 10. Porque gosto de viajar; e 11. Porque gosto de conhecer gente interessante. 36,8% dos entrevistados colocaram como principal razão gostar do jornalismo como profissão, 31,6% optou pela profissão porque gosta de escrever, 6,3% porque possui a possibilidade de mudar a sociedade, 5,3% porque não pôde completar os estudos em outra área, 3,2% porque gosta de conhecer gente interessante e 2,1% porque é fácil se formar em Jornalismo. Note-se que em terceiro lugar está *mudar a sociedade*, como motivação para a profissão. Mesmo com uma porcentagem pequena, é interessante ressaltar que alguns estudantes acham relevante colocar em prática a responsabilidade social que o Jornalismo possui.

Outra questão de grande relevância para entender-se o perfil do estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília refere-se à frequência com que ele lê um jornal diário: 44,5% responderam que leem várias vezes por semana, enquanto que 30,3% responderam que leem raramente. Uma aparente dualidade se forma ao perceber-se que quase metade dos estudantes faz leitura de jornais diários, enquanto que uma porcentagem próxima a essa raramente lê. É importante ressaltar também que os



estudantes estão mudando hábitos, visto que um aluno de Jornalismo, atualmente, passa a responder que raramente lê um jornal diário, o que pode configurar mudança de interesse pela área que deseja escolher dentro da profissão.

Seguindo a mesma linha da questão anterior, pergunta-se a frequência com que o estudante escuta programas noticiosos no rádio. 38,7% dos alunos raramente escutam, enquanto que 34,5% escutam várias vezes por semana e 19,3% o faz todos os dias. Da mesma forma que aconteceu com a leitura do jornal diário, a pergunta sobre o rádio possui opiniões contrárias com porcentagens bem próximas. Faz-se interessante ressaltar que o rádio continua tendo adeptos, apesar do surgimento da internet. O rádio, na verdade, apropriou-se da internet para expandir-se e continuar a existir. Como afirma Mariana Petraglia Barbosa: “para não correr o risco de sofrer uma nova crise, o rádio foi introduzido na Internet. Através desse novo meio, de grande número de acessos diários, a rádio teve a oportunidade de recuperar ouvintes e acompanhar as tendências da comunicação” (2006, p. 30). Dessa forma, os entrevistados podem ter incluído em suas respostas essa nova percepção sobre o rádio.

Em relação à frequência com que os estudantes assistem a programas noticiosos na televisão, 51,3% afirmam que assistem várias vezes por semana, 31,9% assistem todos os dias e 16% assistem raramente. Observa-se o predomínio da televisão sobre as outras mídias, como preferência dos respondentes.

Partindo-se para uma análise demográfica, tem-se que o curso de Jornalismo é majoritariamente composto por mulheres (66%), como comprovado em estudos anteriores de outras faculdades, e a idade média dos estudantes é de 21 anos. De acordo com o questionário, 76,5% cursou o Ensino Médio em escola particular. Realizou-se uma discussão, na revisão de estudos, sobre esse resultado. Além disso, o curso de Jornalismo é a primeira graduação para a maioria dos estudantes (81,9%).

Em relação à escolaridade dos pais, 54,7% dos respondentes possuem os dois pais com nível de instrução superior, 25,6% afirmam que um dos pais possuem nível superior e 19,7% alegam que seus pais não possuem nível superior, resultado esse que posiciona os estudantes numa faixa de renda mais alta, visto que apenas 19,7% possuem pais sem nível superior.

Por último, têm-se perguntas relacionadas à posição política que o estudante sustenta. A primeira delas pretende classificar o respondente em uma posição de direita, esquerda ou centro, de acordo com uma escala de 1 a 7, em que 1 é esquerda, 7 é direita e 4 é centro. A média encontrada, de acordo com as respostas, é de 3,67, o que classifica



o estudante como centro-esquerda, resultado semelhante aos das pesquisas 'Quem faz a notícia no parlamento brasileiro?' (SANT'ANNA, 2006) e 'A cabeça do jornalista: opiniões e valores políticos dos jornalistas no Brasil' (MARCELINO et al., 2009), realizadas com jornalistas formados. A segunda pergunta relacionada à política objetiva classificar o estudante de Jornalismo como conservador ou liberal, de acordo com uma escala de 1 a 7, em que 1 é liberal e 7, conservador. A média encontrada é de 3,33, que sugere uma posição ligeiramente mais liberal por parte do estudante.

#### 4. Discussão

De acordo com os resultados da pesquisa é possível perceber que o perfil do estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília possui um caráter elitizado. O histórico acadêmico do estudante, principalmente, revela não só essa elitização, mas também a deficiência do ensino público na formação de jovens capacitados para o nível superior. Como destaca o livro *Universidade pública e inclusão social: experiência e imaginação*,

A principal limitação ao ensino superior hoje não é a falta de vagas, nem a falta de dinheiro, e muito menos algum tipo de discriminação social que possa haver nos sistemas de seleção. O grande funil é o Ensino Médio, que ainda não forma pessoas em quantidade – e qualidade – suficiente para alimentar a expansão que o ensino superior vem tendo. (...) Existe, evidentemente, um problema de acesso ao ensino superior público, mas este é só um aspecto da questão. O ensino superior brasileiro é muito estratificado tanto no setor público, quanto no setor privado, com instituições e carreiras mais competitivas nos dois setores atraindo estudantes com melhor formação e recursos, e outras, mais abertas e mais baratas, abrindo espaço para estudantes com menos condições (SHWARTZMAN, 2008, p. 26).

Primeiramente, uma reforma na educação brasileira é necessária para tornar as universidades brasileiras realmente acessíveis a toda à população. Em segundo lugar, políticas de inclusão e assistência na universidade, aos que sofrem com a desigualdade social, são relevantes, principalmente para eles se adaptarem ao contexto universitário com um bom desempenho. Faz-se necessário “deselitizar” as universidades públicas, principalmente os cursos mais concorridos, inclusive o de Jornalismo, que acabam sendo preenchidos por estudantes que tiveram um nível de educação melhor do que os alunos de escolas públicas.



A escolaridade dos pais também é crucial para o sucesso escolar dos estudantes. Carvalho (2000 apud SILVA et. al., 2010, p. 187) ressalta:

Entende-se que o sucesso escolar tem dependido, em grande parte, do apoio direto e sistemático da família que investe nos filhos, compensando tanto dificuldades individuais quanto deficiências escolares. Porém, para isso acontecer, é necessário que a família seja dotada de recursos econômicos e culturais, dentre os quais se destacam o tempo livre para dedicação aos filhos e o nível de escolarização desses pais.

Desse modo, é possível entender que um nível melhor de escolaridade dos pais pode contribuir para o sucesso dos filhos. Além disso, o governo vem lançando programas de apoio ao estudante, como a reserva de vagas a alunos do ensino público, negros e índios. Dessa forma, o número de universitários de baixa renda em cursos mais concorridos, principalmente na Universidade de Brasília, pode vir a aumentar daqui a algum tempo.

Outro aspecto de grande relevância relaciona-se à predominância de mulheres no curso de Jornalismo. Como destacado anteriormente, a grande quantidade de mulheres em cursos de humanas e a grande quantidade de homens em cursos de exatas possuem raízes na discriminação de gênero. Como afirma Nanci Stancki Silva, em seu artigo 'Engenharias no Brasil: mudanças no perfil de gênero?',

A distribuição de gênero do sistema educacional tem relação direta com a manutenção da tradicional divisão sexual do trabalho, na qual atividades femininas estão associadas ao cuidado e as masculinas com a racionalidade. A educação formal, especificamente a educação para o trabalho, consiste em uma das fases da construção dessa divisão. Entre outras instituições, a família é, em geral, o espaço no qual se inicia o direcionamento da escolha profissional, em geral, reproduzindo atributos e papéis tradicionais de gênero. Nos processos de socialização familiar, é comum que os brinquedos sejam diferentes para meninos e meninas – jogos eletrônicos para eles e bonecas para elas, por exemplo – o que desde cedo contribui para estimular e interferir sobre a escolha profissional de homens e mulheres (SILVA, 2008, p. 3).

É importante enfatizar o que já foi dito em relação ao mercado de trabalho: apesar do grande número de mulheres no curso de Jornalismo, o mesmo não acontece no mercado de trabalho, sendo o número de jornalistas homens bem maior do que o de jornalistas mulheres. Ou seja, até dentro da profissão de humanas, entendendo o termo em um sentido geral, essa discriminação acontece.



Em relação à motivação para a escolha do curso, é relevante ressaltar que grande parte dos universitários optou pelo Jornalismo por gostar da profissão e por gostar de escrever. Muitos estudantes saem do Ensino Médio com o pensamento de que, por gostarem de escrever, devem fazer Jornalismo.

A constatação de que metade dos estudantes leem várias vezes por semana um jornal diário, enquanto que também a metade deles assiste a programas noticiosos, demonstra que a informação é prioridade em sua formação. Porém, esse resultado não é unânime, o que gera uma discussão em torno do objetivo da profissão, já que uma quantidade significativa de estudantes, os que responderam *raramente* às perguntas relacionadas à frequência de busca pela informação, antes mesmo de se formarem, já não interiorizam a informação como matéria-prima do Jornalismo. Como ressalta Rabelo, em 'Ambiente informacional de estudantes de jornalismo' (2010, p. 117) “O ‘novo jornalista’ será o responsável pela triagem da infundável massa de informações disponíveis e daí torna-se ainda mais importante refletir sobre seu papel também como consumidor de informação e de notícias”.

A posição política dos estudantes revela uma postura mais à esquerda, de contestação, crítica e fiscalização. Pelo fato de a Capital do Poder situar-se no Distrito Federal e pelo atual contexto da situação política brasileira, é possível entender o porquê da posição política desses estudantes e o porquê de suas intervenções e mobilizações, que se revelam como um apelo ao respeito e à cidadania por parte do governo.

## 5. Conclusões

Esse artigo procurou analisar a postura do estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília frente a diversos temas. Procurou também, a partir dessa análise, traçar o perfil desse estudante. É possível concluir que o discente em questão possui antecedentes que permitem entender que ele advém de uma classe média, a qual possibilita a ele melhores condições de estudos e, conseqüentemente, chegar ao nível que chegou.

Os pais dos estudantes entrevistados possuem estudos e grande parte do curso é formada por mulheres - embora isso ainda não se reflita no mercado de trabalho. Sua posição política é de esquerda, posição essa que poderá refletir-se na profissão. Como futuro jornalista, é imprescindível ter um olhar crítico sob a política, principalmente no que tange aos direitos da sociedade.



Além disso, é possível compreender o principal motivo de o estudante ter escolhido o Jornalismo como profissão: gostar de escrever. Como próximos passos, faz-se importante analisar o perfil encontrado juntamente com os outros dados coletados na pesquisa, de forma que se possa entender, em um contexto maior, esse mesmo perfil.

## REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Aluizio. A ideologia como ferramenta de trabalho e o discurso da mídia. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 15, p. 86-118, 2000.
- BARBOSA, Mariana Petraglia. O rádio na internet. In: BARBOSA, Mariana Petraglia. **O rádio na internet: do ouvinte ao usuário**. Juiz de Fora: [s.n.], 2006, p. 30.
- CAMPOS, Pedro Celso; ROCHA, Eleni Oliveira. Ensino de Jornalismo: perfil profissional, regionalização das habilidades técnicas e competências. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 10, n. 19, p. 15-39, 2011.
- FERREIRA, Elisabeth de Araújo (org.). Anuário Estatístico 2011:2006-2010/Universidade de Brasília. Disponível em: <[http://www.dpo.unb.br/documentos/anuario/Anuario\\_2011.pdf](http://www.dpo.unb.br/documentos/anuario/Anuario_2011.pdf)> Acesso em: 20 de dezembro de 2012.
- JORGE, Thais de Mendonça; ADGHIRNI, Zélia Leal. Prática profissional, convergência e perfil do jornalista. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MUDANÇAS ESTRUTURAIIS NO JORNALISMO, 1., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2011. p. 143 – 152.
- LUÍNDIA, Luiza E. A., et. al. Perfil Socioeconômico: Acadêmico de Comunicação Social da Ufam. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 12., 2009, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2009. p. 1-14.
- MARCELINO, Daniel et al. A cabeça do jornalista: opiniões e valores políticos dos jornalistas no Brasil. **Comunicação & Política**, v. 27, n. 3, p. 13-42, 2009.
- MELLADO, Claudia et al. A pré-socialização dos futuros jornalistas: uma investigação das percepções profissionais de estudantes de Jornalismo em sete países. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., 2012, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012, p. 1-29.
- MTB. Relação Anual de Informações Sociais – RAIS/2010. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2010.
- RABELO, Ernane Corrêa. Ambiente informacional de estudantes de jornalismo. **Revista de Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 113-124, 2010.



SANT'ANNA, Francisco C. M. Quem faz a notícia no parlamento brasileiro? – As rotinas do newsmakers do Senado Federal. **Revista Líbero**, Brasília, n. 18, p. 105-118, 2006.

SCHWINGEL, Carla; MELO, Débora; FIGUEIREDO, Rafael. Perfil e hábitos comunicacionais do estudante de Jornalismo da cidade de Salvador Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 3., 2005, Florianópolis. **Anais...**Florianópolis: [s.n.] 2005. CD ROM.

SHWARTZMAN, Simon. A questão da inclusão social na universidade brasileira. In: PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda; ARANHA, Antônia Vitória (Org.). **Universidade pública e inclusão social: experiência e imaginação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 26-27.

SILVA, Nanci Stancki. Engenharias no Brasil: mudanças no perfil de gênero? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. **Artigo...**Florianópolis: UTFPR, 2008. p. 1-6.